

RESUMO: O romance de formação sempre manteve estreitos vínculos com o grupo social no qual é escrito e recebido. Por esse motivo, foi um gênero bastante visitado pela literatura mundonovista, engajada em elaborar as identidades nacionais das novas nações latino-americanas. Mas, para que isso pudesse acontecer, o modelo europeu do gênero precisou ser adaptado às condições dos países latino-americanos em que foram escritos. *Don Segundo Sombra*, do argentino Ricardo Güiraldes, é um desses romances. O intuito desse trabalho é retrazar a trajetória de seu protagonista, Fábio Cáceres, procurando apontar em que medida ela se mantém fiel ao modelo europeu, e de que maneira o adapta às peculiaridades regionais.

Palavras-chaves: Bildungsroman, literatura latino-americana, estudos de gênero

Embora o *Bildungsroman* seja um gênero cuja escritura remonta, segundo Bakhtin, à Antiguidade Clássica, a referência à qual se remetem os romances de formação escritos atualmente é o *Bildungsroman* romântico. Retomado inicialmente na Alemanha, o *Bildungsroman* cumpriu uma função dupla: a de educar o leitor, de resto uma função intrínseca a esse gênero que nasceu didático, e a de estabelecer socialmente a burguesia como classe dominante, em contraposição à aristocracia decadente.

A mudança do modo de produção centrado na posse da terra para outro centrado no capital, e crescentemente industrializado, determinou várias mudanças no tecido social. Elas não aconteceram, no entanto, de forma linear e homogênea, ao contrário, dependeram de uma série de negociações, com avanços e recuos, e a literatura tomou parte ativa neste embate. O *Bildungsroman* pode ser considerado, dessa forma, um gênero engajado com as questões do seu tempo. Ele afirma uma identidade que era, a seu tempo, minoritária, e desenvolve, para tanto, uma série de estratégias.

Podemos dizer que, ao se desenvolver a partir de eventos formadores na vida de um indivíduo paradigmático, o romance de formação revela uma experiência coletiva, uma vez que o elenco de experiências formadoras acessíveis em uma determinada sociedade é limitado e será semelhante para todos os indivíduos em processo de formação em seu âmbito. O que nos aponta a estreita relação entre romance de formação e a sociedade em que ele se passa.

Nas sociedades ocidentais pós-Revolução Industrial, as experiências formadoras passam pela formação acadêmica, a experimentação sexual e/ou sentimental, a descoberta de uma vocação, a construção de uma visão de mundo e um aprendizado informal das regras sociais não escritas. Como grande parte dessas experiências só

estavam acessíveis aos homens, os protagonistas serão meninos ou jovens do sexo masculino.<sup>1</sup>

Assim, Dilthey, ao tentar conceituar o *Bildungsroman*, lista um conjunto de passos que devem acontecer de forma mais ou menos ordenada, dentro da narrativa, para que ela possa ser considerada de formação. As principais são o nascimento do herói, infância do herói, conflito de gerações, viagem para uma cidade grande, aprendizado formal, encontro com um mentor, dois casos de amor, um bem e outro mal sucedido, descoberta da própria vocação e volta do herói – vitorioso – para sua cidade de origem (embora ele se estabeleça, via de regra, em outro meio social, mais aberto). Mais ou menos obedecidos, esses são os passos que compõe os *Bildungsromane* do séc. XVIII, e são grandemente determinados pela experiência da burguesia da época. O conflito de gerações se estabelece quando o pai, ou pai e mãe, tentam forçar o protagonista a seguir uma carreira para a qual ele não se sente atraído, usualmente o comércio. A viagem era necessária por que apenas os grandes centros urbanos forneciam oportunidade de educação continuada. O encontro com o mentor era necessário para que o protagonista, jovem e ingênuo, tivesse um guia confiável para aprender as regras da vida social, ou para que ele desenvolvesse uma visão de mundo, ou ambos. Os casos de amor destinavam-se a ensiná-lo a enfrentar tanto o sucesso quanto o fracasso (embora não necessariamente conduzissem ao casamento). O retorno à cidade de origem funcionava como um aval, um certificado de que sua trajetória havia sido bem sucedida, uma espécie de cerimônia de colação de grau. Assim, todo o aprendizado desse protagonista (masculino) burguês de *Bildungsroman* gira em torno da formação profissional.

Nas sociedades latino-americanas, as experiências formadoras poderão diferir fundamentalmente daquelas desenvolvidas em sociedades industrializadas. Além das óbvias diferenças em termos de conhecimentos necessários, temos a relação entre a literatura e o grupo social que a consome. A literatura produzida na América Latina, a partir das independências até o primeiro séc. XX será intensamente engajada na elaboração de uma identidade nacional.

Um dos romances que participa desse esforço é *Don Segundo Sombra*, do argentino Ricardo Güiraldes. Romance de formação nos pampas, o processo de

---

<sup>1</sup> A formação feminina será narrativizada durante o séc. XIX e o primeiro séc. XX em *Bildungsromane* domésticos, majoritariamente.

formação acadêmica, por exemplo, está ausente, mas não o de um aprendizado que permite a seu protagonista, não nomeado, tornar-se um profissional, um membro produtivo do seu grupo social. Com um narrador homodiegético, o romance inicia quando ele, entrando na adolescência, enfrenta o primeiro passo do processo de formação, o conflito de gerações. Criado por duas tias solteironas, de certa forma cortado do mundo masculino, ele está à deriva. Passa o dia pescando lambaris, que vende ao dono do bolicho da cidade, sem perspectiva de futuro. É então que ele conhece seu mentor – outro passo importante no processo de formação – um desconhecido que para no bolicho para tomar umas canhas. O protagonista consegue ser admitido como aprendiz junto a ele e a medida de sua importância é evidenciada pelo fato de ele ser o personagem título do romance. Ele é responsável não apenas pela formação do protagonista, mas também por sua inserção na sociedade.

Filho de pai desconhecido em um grupo social patriarcal, o narrador não está apenas à deriva quando do início do romance, mas também à margem. As tias, que não tem grandes laços afetivos com ele, dizem que ele não presta para nada. Quando ele simplesmente vai embora, não fazem esforço para encontrá-lo. Sem um sobrenome paterno, ele não tem um lugar social assegurado. Colocar-se como aprendiz de Don Segundo equivale, nessas circunstâncias, e nessa sociedade, a ingressar em um curso superior. Mas também equivale a filiar-se a um patriarca e, assim, encontrar um lugar social que é, de saída, mais favorável do que aquele que ele ocupava previamente.

A viagem, necessidade no processo de formação clássico do séc. XIX, também se faz presente aqui, mas modificada para fins de verossimilhança. Don Segundo é um tropeiro, e é essa a profissão que o protagonista aprenderá. Aqui, a viagem cumpre o papel de cortar os laços entre o protagonista e sua família, ampliando seu conhecimento de mundo, como em um *Bildungsroman* com protagonista cidadão, de classe média. Mas a viagem, aqui, é o próprio lugar do aprendizado. Ele aprende a suportar o rigor da estrada, a dormir ao relento, a cavalgar o dia inteiro, a domar potros selvagens, a amansar gado chimarrão, a tocar o gado, a tratar bois e cavalos. Esse seria o seu aprendizado formal, profissional. Simultaneamente, e na estrada, no contato com outros tropeiros, e com os habitantes dos povoados que eles cruzam, ele aprende também as regras sociais de um mundo masculino que, na casa das tias, ele não teria como aprender: a ser sóbrio, a evitar conflitos, mas defender seu nome e sua integridade física, a honrar suas dívidas. Sua iniciação sexual também acontece nessa viagem, com

a filha de um meeiro, uma jovem de sua idade. Eles se seduzem mutuamente, o que coloca essa iniciação em um cenário idílico e não contaminado por questões monetárias.

A passagem em que ele aprende a domar potros selvagens faz com que ele se sinta alçado à situação de indivíduo completo, um homem em pleno direito, uma vez que ele aprende uma atividade profissional que gera resultados imediatos. Ele vende alguns potros e junta dinheiro com isso. Essa experiência, juntamente com a iniciação sexual, é fundamental para que ele estabeleça uma identidade de gênero e, para um filho sem pai, isso é de fundamental importância. É assim que ele garante para si mesmo um lugar como membro legítimo, em pleno direito, de seu grupo social. Por esse motivo, Don Segundo adquire uma importância maior do que aquela alocada na figura do mentor dentro de um romance de formação tradicional. Geralmente, embora o mentor introduza o protagonista na vida social e/ou profissional, o protagonista costuma ter, de saída, um lugar social assegurado por sua filiação. Por ser “filho das macegas”, o narrador precisa construir seu senso de identidade a partir de uma desvantagem marcadamente maior (como também é o caso dos jovens países latino-americanos). Por isso, nesse romance, o mentor, ele mesmo um filho sem pai, tem função tão importante no processo de formação do protagonista. Ele não é apenas um professor informal, mas também um professor de formação profissional, e esse é todo o ingresso com o qual ele conta em seu grupo social: seu exercício profissional. Além disso, ele tem a importância afetiva de ser a figura paterna na vida do protagonista.

Ao final do romance o protagonista descobre que Don Fábio Cáceres, seu protetor, era na verdade seu pai e, ao morrer, deixara para ele, como herança, sua fazenda. Sua fúria, sua exaltação emocional não resulta apenas do fato de que ele se descobre, sem possibilidade de negação, um filho ilegítimo, mas por que esse reconhecimento tardio vem destruir a identidade que ele havia construído para si, a de tropeiro, e filho de Don Segundo. Até como reação, ele se coloca explicitamente como filho de Don Segundo, afirmando dever-lhe obediência e chamando-o “tata” (denominação familiar equivalente a “papai”). Repentinamente, ele se torna patrão, e filho de um homem de quem mal se lembra.

Se o objetivo de um processo de formação é tornar o aprendiz um membro integrado e produtivo da comunidade, a independência em relação ao mentor é não apenas esperável, mas também desejável. No entanto, e principalmente quando o mentor tem um impacto amplo na constituição identitária do protagonista, esse desligamento pode ser doloroso. Assim é em *Don Segundo Sombra*. Fábio aceita morar na fazenda e

tomar posse de sua herança porque seu mentor se prontifica a ajuda-lo. Após algum tempo, sua alma de tropeiro começa a se inquietar e ele decide partir. Assim, numa reversão do romance de aprendizagem tradicional, é o “pai” que parte em busca de aventuras enquanto o filho permanece enraizado.

As mudanças efetuadas nesse romance em relação ao *Bildungsroman* tradicional ligam-se, bem evidentemente, às diferenças entre as sociedades européias dos séc. XIX e primeiro séc. XX e as sociedades latino-americanas. Em primeiro lugar, é claro, está a ausência de formação acadêmica, que seria, no romance em questão, completamente deslocada (embora não fosse incomum que os filhos de famílias abastadas estudassem e até mesmo fossem completar sua educação na Europa. Mas, ainda dentro de uma concepção romântica segundo a qual a alma do povo de um país está mais intensamente representada no povo do que na elite, o romance, cuja intenção é, também, participar de um esforço de construção de uma identidade nacional, precisa, evidentemente, de um protagonista oriundo desse paradigmático povo). Assim, o protagonista aprende aquela profissão que é mais típica de um país que nasceu agrário e fundado na pecuária como atividade econômica principal.

Mas a reversão mais significativa, é claro, é aquela que liga o protagonista a seu mentor de forma tão profunda e afetuosa. Aqui o romance utiliza uma estratégia muito hábil: o conflito de gerações é fundamental para impulsionar o protagonista de um *Bildungsroman* e não pode, portanto, ser descartado. E em *Don Segundo Sombra* ele de fato acontece, mas em relação às tias (uma vez que toda a relação do protagonista com seu protetor, mais tarde revelado como pai, fora alguns encontros esparsos). A figura do mentor, investida de um significado muito maior do que em um romance de formação tradicional, é também a de quem introduz o protagonista não apenas no mundo profissional, mas lhe possibilita estabelecer uma identidade que é, também, nacional. Por isso, uma ruptura entre o protagonista e o personagem que encarna toda uma tradição da qual ele é caudatário seria impossível, e por isso o conflito de gerações é deslocado. Por outro lado, a separação é necessária para que o protagonista se estabeleça e possa andar com seus próprios pés – em suma, tornar-se adulto. Dessa forma, é precisamente a exatidão com que Don Segundo encarna uma identidade nacional que determina uma separação que é, para o protagonista, acima de tudo, dolorosa, como indica a famosa frase que fecha o romance: “Fui-me, como quem sangra”.

Como conclusão, podemos dizer que o romance de formação intenta, em sua escritura, apresentar um indivíduo paradigmático que possa encarnar as qualidades fundamentais ao estabelecimento de uma identidade dada. Isso o torna estreitamente ligado ao grupo social onde ele é produzido e consumido. Por essa razão, ao ser apropriado para narrativizar a experiência de um personagem diferente do protagonista do romance de formação europeu dos sécs. XIX e XX, o romance de formação precisa operar modificações que permitam essa apropriação. É o que acontece quando o protagonista é uma mulher, pertence a uma minoria étnica ou, no caso, milita para o estabelecimento de uma identidade nacional que, ainda que guarde semelhanças com a sociedade européia, é fundamentalmente diferente dela.

#### BIBLIOGRAFIA:

GÜIRALDES, Ricardo. *Don Segundo Sombra*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1981.

HARDIN, James (ed). *Reflection and action: Essays on the Bildungsroman*. Columbia, University of South Carolina Press, 1991.

LIMA, Decolonizing genre: Jamaica Kincaid and the *Bildungsroman*. *Genre* Vol 26 n. 4 Winter 1993.

MASIELO, Francine. Texto, Ley, Transgressión: especulación sobre la novela (femenista) de vanguardia. *Revista Iberoamericana* n.os 132/133 Jul/Dec 1985.